

ECOSSISTEMAS JORNALÍSTICOS:

atores, características e ambientes
socio-tecnológicos



CARLOS EDUARDO FRANCISCATO

Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão – SE – Brasil

ORCID: 0000-0002-5108-8677

DOI: 10.25200/BJR.v21n2.2025.1739

Received in: 05/09/2024

Desk Reviewed in: 30/09/2024

Desk Review Editor: Laura Storch

Revised on: 20/03/2025

Approved on: 01/04/2025

Como citar este artigo: Franciscato, C.E. (2025). JOURNALISM ECOSYSTEMS: actors, characteristics and socio-technological environments. *Brazilian Journalism Research*, 21(02), e1739. DOI: 10.25200/BJR.v21n2.2025.1739

RESUMO – Este trabalho explora a delimitação das características de um ecossistema em jornalismo em um cenário de confluência de crises institucionais e mercadológicas e ascensão das tecnologias digitais como infraestruturas de operação e mediação tecnológica das relações políticas, econômicas e socioculturais. O percurso de análise teve dois momentos: uma pesquisa de 38 relatórios com diagnósticos sobre de transformações contemporâneas do jornalismo produzidas por três institutos internacionais de pesquisa em jornalismo: Reuters Institute for the Study of Journalism, Tow Center for Digital Journalism e Pew Research Center. O período abrange 20 anos de diagnósticos sobre o jornalismo (2004 a 2023). O segundo momento da análise confrontou os indicadores das transformações na mídia e no jornalismo com literaturas de referência sobre fenômenos sociais como a formação de redes sociais e a estruturação de campos sociais. Como resultados, são apresentadas características que expressam as formas contemporâneas de configuração e funcionamento dos ecossistemas jornalísticos.

Palavras-chave: Ecossistema jornalístico. Ecossistema socio-tecnológico. Campo do jornalismo. Instituição jornalística. Sistema de mídia híbrido.

JOURNALISTIC ECOSYSTEMS: actors, characteristics and socio-technological environments

ABSTRACT – This paper explores the delimitation of the characteristics of a journalistic ecosystem in a scenario of confluence of institutional and market crises and the rise of digital technologies as infrastructures for the operation and technological mediation of political, economic and sociocultural relations. The analysis was conducted in two stages: a survey of 38 reports with diagnoses of contemporary transformations in journalism produced by three international journalism research institutes: Reuters Institute for the Study of Journalism, Tow Center for Digital Journalism and Pew Research Center. The period covers 20 years of diagnoses on journalism (2004 to 2023). The second stage of the analysis compared the indicators of transformations in the media and journalism with reference literature on social phenomena such as the formation of social networks and the structuring of social fields. The results present characteristics that express the contemporary forms of configuration and functioning of journalistic ecosystems.

Key words: Journalistic ecosystem. Socio-technological ecosystem. Field of journalism. Journalistic institution. Hybrid media system.

ECOSISTEMA PERIODISTA: actores, características y entornos sociotecnológicos

RESUMEN – Este trabajo explora la delimitación de las características de un ecosistema periodístico en un escenario de confluencia de crisis institucionales y de mercado y el auge de las tecnologías digitales como infraestructuras operativas y mediadoras tecnológicas de las relaciones políticas, económicas y socioculturales. El camino de análisis tuvo dos momentos: una encuesta de 38 informes con diagnósticos sobre las transformaciones contemporáneas en el periodismo producidos por tres institutos internacionales de investigación en periodismo: Reuters Institute for the Study of Journalism, Tow Center for Digital Journalism y Pew Research Center. El período abarca 20 años de diagnósticos sobre el periodismo (2004 a 2023). El segundo momento del análisis comparó los indicadores de transformaciones en los medios y el periodismo con literatura de referencia sobre fenómenos sociales como la formación de redes sociales y la estructuración de campos sociales. Como resultados, se presentan características que expresan las formas contemporáneas de configuración y funcionamiento de los ecosistemas periodísticos.

Palabras clave: Ecosistema periodístico. Ecosistema sociotecnológico. Campo del periodismo. Institución periodística. Sistema de medios híbrido.

1 Introdução

As transformações pelas quais o jornalismo vem passando nas últimas décadas, assim como as organizações que lhe deram corporeidade e os jornalistas que lhe imprimiram uma identidade profissional, têm afetado de forma grave a atividade jornalística. Ocorrem processos que são de ordem tecnológica, como o deslocamento dos suportes jornalísticos tradicionais em direção a ambientes de plataformação baseados em lógicas de redes sociais digitais e de sociedade de dados (Boyd, 2010; Couldry, 2020; Couldry & Hepp, 2020; Van Dijck et al.,

2018); de ordem mercadológica, como a crise do padrão mercadológico e do modelo de negócios do jornalismo, com redução da presença dos grandes conglomerados de mídia e pulverização de iniciativas autônomas (Briggs, 2012; Meyer, 2004); e de ordem sociocultural, como a perda de credibilidade, autoridade e legitimidade social do jornalismo, assim como precarização e desprofissionalização da atividade (Deuze & Witschge, 2016; Kovach & Rosentiel, 2004; Rottwilm, 2014).

Estas três ordens de fatores produzem, na verdade, efeitos cruzados sobre a organização jornalística e colocam desafios para reorientações e reposicionamentos frente a demandas da sociedade e dos mercados. Consolidadas no século XX como indústrias de médio e grande porte (os conglomerados de mídia), essas organizações buscam adaptar seus modelos de negócio ao perfil da indústria 4.0, com seus ambientes de produção e circulação marcados, entre outras características, pela adoção de tecnologias informacionais e digitais tais como a internet das coisas, o *big data*, a computação em nuvem, a robótica avançada, a inteligência artificial e novos materiais, equipamentos e dispositivos (CNI, 2016; Graglia & Lazzareschi, 2018).

A presença de uma multiplicidade de atores jornalísticos e não jornalísticos na produção de conteúdos e serviços noticiosos – profissionais e usuários não especialistas, mídias tradicionais ou novas, organizações estruturadas ou pequenas mídias pulverizadas – vem tensionando as fronteiras que demarcariam especificidades e identidades profissionais. É na composição desse cenário tecnológico, industrial, mercadológico, sociocultural e profissional do jornalismo que a presente pesquisa se estabelece.

Este trabalho surge da percepção de uma mudança no desenho do espaço social de atores e interações que tradicionalmente configuravam o “campo do jornalismo” como um campo relacional de forças e lutas – na perspectiva de Pierre Bourdieu (1997, 2005) – em que o jornalista profissional e sua organização eram atores com capital social de legitimidade e autoridade. Com a emergência e penetrabilidade das tecnologias digitais (Castells, 2001), esse espaço se tornou permeável à presença e atuação de novos atores de diferentes matizes em situação de disputa com o jornalismo pelo poder simbólico de atuar na área. Assim, o conceito de “campo do jornalismo”, na sua formulação inicial, tornou-se problemático e não mais adaptado ao cenário contemporâneo. Pesquisadores da teoria dos campos sociais têm procurado atualizar essa abordagem ao redesenhar um “campo midiático-digital” (Gracia, 2021) ou um “sistema

mediático híbrido” (“*Hybrid media System*”) (Chadwick, 2013; Perusko, 2021) em que uma diversidade de atores se influencia mutuamente ao atuarem dentro desse espaço midiático. Tais leituras têm trazido um segundo problema: colocam em questão a proeminência dos atores jornalísticos em sua área de competência (Reese, 2022).

O objetivo desta pesquisa é, então, buscar compreender a configuração e as dinâmicas desses novos ambientes sociais enquanto espaços de atuação jornalística e verificar os usos crescentes do termo “ecossistema” para caracterizar a formação de uma nova institucionalidade de relações jornalísticas com acento sobre infraestruturas e interações digitalizadas. Esta é uma pesquisa bibliográfica e documental com base em dados secundários. Esses dados originaram-se de 38 relatórios com diagnósticos empíricos sobre transformações contemporâneas do jornalismo produzidos por três institutos internacionais reconhecidos em pesquisa sobre o jornalismo: Reuters Institute for the Study of Journalism (Universidade de Oxford), Tow Center for Digital Journalism (Universidade de Columbia) e Pew Research Center. O período abrangeu 20 anos de estudos sobre o jornalismo (2004 a 2023).

A seguir, apresentamos uma formulação preliminar de uma compreensão sobre ecossistema jornalístico com base em estudos recentes. Em seguida, detalhamos a metodologia de pesquisa empírica, expusemos a coleta e sistematização dos dados e desenvolvemos as inferências e os esforços analíticos para buscar os resultados pretendidos.

2 Percepções sobre ecossistema jornalístico

A noção de ecossistema, conforme tem sido usada com certa frequência nos diagnósticos do funcionamento da sociedade contemporânea, tem, na sua raiz, a aproximação dos conceitos de ecologia (biologia) e sistema (informacional, computacional). Expressa uma dupla ideia: a) de diversidade e complementaridade de seres que convivem em um espaço comum; b) de ser um ambiente de forte relação de interdependência entre esses seres. Normalmente é adotado para delimitar um tipo específico de ambiente, com seus atores e interações: ecossistema midiático, ecossistema jornalístico, ecossistema educacional, ecossistema de negócios, inovação etc.

Christopher Anderson (2016) analisa os ecossistemas noticiosos indicando as origens do debate a partir de 2001 na ideia

de “ecossistema de mídia” em uma breve indicação de Henry Jenkins (2001). Procura então identificar duas perspectivas de análise sobre o ecossistema de mídia, denominadas de abordagem “ambiental” (“*environmental*”) e “rizomática” (“*rhizomatic*”), a primeira focada principalmente nos elementos e fatores ambientais estruturantes (particularmente tecnológicos) que envolveriam os seres humanos e ampliariam suas capacidades perceptivas e comunicativas; e a segunda direcionada a perceber, à semelhança da metáfora biológica do “rizoma”, o poder de expansão das conexões espalhadas pelas redes fora de determinações estruturais.

Em uma perspectiva jornalística, a diferenciação feita por Wiard (2019) no *Oxford Research Encyclopedia of Communication* trouxe um refinamento na diferença entre “news ecology” e “news ecosystems”. Enquanto a noção de “ecologia de notícias” deriva da perspectiva de ecologia da mídia, o “uso da metáfora do ‘ecossistema de notícias’ nos estudos de jornalismo é mais recente e foca na diversidade de atores envolvidos na produção e difusão de notícias” (Wiard, 2019, p. 1). O autor aplica essa primeira definição de forma mais operacional, para perceber a configuração dos ecossistemas de notícias online, a diversidade de atores envolvidos na produção de notícias e seus relacionamentos, bem como a forma como as notícias circulam por meio de diversas tecnologias. Já o uso da segunda definição leva os pesquisadores a considerarem as notícias como uma prática social complexa na qual uma diversidade de atores compete para influenciar a narrativa da notícia por meio de ações mediadas e não mediadas.

Anderson et al. (2012), em seu conhecido estudo *Post-Industrial Journalism: Adapting to the Present*, usam o termo “ecossistema jornalístico” para pensar uma configuração em que há uma interdependência e influência mútua entre os principais atores envolvidos na produção e circulação de informações jornalísticas. No caso das organizações jornalísticas, elas são afetadas por mudanças em outras partes do ecossistema e devem desenvolver uma capacidade de estabelecer parcerias (formais e informais) com outras organizações e atuação nas redes sociais digitais, buscando, inevitavelmente, redução de custos de operação.

Salaverría (2021, p. 23) pensa que a configuração do novo ecossistema jornalístico digital não se constrói mais na polarização entre mídias analógicas e digitais, pois estas são dominantes no novo ambiente. Entende que as disputas hoje se dão entre dois modelos de mídias digitais, as nativas digitais e as não nativas. As mídias nativas

digitais são vocacionadas para esse ambiente, pois foram criadas na lógica, estrutura e procedimentos da internet, e a compreensão desse novo ecossistema passa por entender as hierarquias estabelecidas entre essas mídias.

Este tema é também explorado nas comunidades científicas em língua portuguesa. Canavilhas (2011) pensa o “novo ecossistema midiático” a partir dessa aproximação entre noções da biologia e dos estudos de mídia para reconhecer, entre outras coisas, a abertura deste ecossistema para novos públicos que, com o aumento da interatividade, podem também participar da produção de conteúdos, envolvendo os usuários em todo o processo. Saad (2021) reforça que o caráter ecossistêmico do jornalismo contemporâneo apresenta um status de sistema sociotécnico caracterizado por um “sistema de mediação técnica produto de atores humanos e não-humanos” (p. 60). É nesta perspectiva que Cabral (2022) aplica o termo “jornalismo automatizado” para observar a constituição de novos ecossistemas jornalísticos e realizar um mapeamento de iniciativas jornalísticas brasileiras que usam robôs e tecnologias de inteligência artificial.

Kalsing (2021) utiliza preferencialmente o termo “jornalismo pós-industrial” para definir esse cenário e indicar que transformações jornalísticas ocorrem em função de fatores externos e estruturais, como a plataformização, a dataficação e a convergência, afetando a atividade e a função de jornalista. A tese de Fontoura (2020) busca entender a expansão das fronteiras do jornalismo pós-industrial, reconhecendo-o como “um ecossistema cada vez mais complexo de atores e práticas” (p. 8), com sua acentuada complexidade e trabalho em rede, na qual a colaboração entre atores cada vez mais diversificados estimula o surgimento de iniciativas cada vez mais transversais (p. 246).

Quintanilha (2021) considera que as transformações profundas no ecossistema da mídia foram provocadas tanto por inovações incrementais quanto por rupturas radicais e tiveram forte impacto na profissão de jornalista, já afetada por uma intensa crise no setor. Essa abordagem se situa em discussões sobre as perspectivas do fazer jornalístico em uma era pós-industrial em que a atividade contempla tanto uma definição “rígida” da profissão quanto “suave”, na qual uma gama de práticas é executada por uma multidão de atores de modos diversos nestes ambientes digitais (Deuze & Witschge, 2018).

3 Procedimentos de pesquisa

O objetivo desta etapa de pesquisa foi analisar e extrair, de diagnósticos conjunturais sobre a atuação jornalística em cenários internacionais, pistas da configuração dos ecossistemas jornalísticos, seus atores principais e suas características. Para isso, foram averiguados 38 relatórios com dados empíricos elaborados por três institutos internacionais reconhecidos em pesquisa sobre o jornalismo: Reuters Institute for the Study of Journalism (Universidade de Oxford), Tow Center for Digital Journalism (Universidade de Columbia) e Pew Research Center, que serão tratados aqui também por suas respectivas letras iniciais, RISJ, TCDJ e PRC.

O período abrange 20 anos de diagnósticos sobre o jornalismo (2004 a 2023). Portanto, são 20 anos de produção de diagnósticos que contemplam, de forma suficiente, a possível ampliação do uso do termo ecossistema trazido em decorrência dessa associação entre sistemas computacionais e noções ambientais na infraestrutura das tecnologias digitais em rede. Esses relatórios são particularmente úteis para os propósitos desta pesquisa porque têm priorizado capturar panoramas muito próximos à realidade efetiva das transformações do jornalismo em uma ampla variedade de países. O detalhamento quantitativo desse material está no quadro 1:

Quadro 1

Relatórios de pesquisa consultados entre 2004-2023

Instituto	Período	Edições
Reuters Institute for the Study of Journalism		
- Relatório anual “Digital News Report”	2012 a 2023	12
- Relatório anual “Journalism, Media, and Technology Trends and Predictions”	2016 a 2023	8
Tow Center for Digital Journalism		
Relatório anual “Platforms and Publishers”	2017 a 2019	3
Pew Research Center		
Relatório anual “State of the News Media”	2004 a 2018	15
Total	2004 a 2023	38

Aplicou-se uma análise de conteúdo indutiva (Bardin, 2003), de perspectiva interpretativa construtiva, a fim de formar um quadro categorial ao longo do processo de pesquisa e, também, perceber eventuais tendências no desenvolvimento das noções e suas caracterizações. A análise de conteúdo indutiva foi considerada adequada para compreender os objetos de forma interpretativa, ou seja, realizar a extração de termos diretamente vinculados aos objetivos do trabalho e perceber os sentidos atribuídos a eles por meio do seu uso no texto, no reconhecimento daquilo que está intuído e na identificação de suas variações de sentido.

Como esses relatórios apresentam um foco fortemente descritivo de situações e modificações do jornalismo em diferentes momentos e conjunturas, a pesquisa partiu de uma expectativa de que esses relatórios revelassem compreensões imprecisas e instáveis da noção de ecossistema jornalístico, e a análise de conteúdo foi escolhida como ferramenta capaz de orientar a investigação. A partir da análise dos materiais extraídos nas buscas foram geradas inferências (Bardin, 2003, p. 38) relacionadas ao quadro teórico proposto.

Com a definição dos relatórios como unidades de análise, foram definidas as unidades de registro (os elementos a serem estudados). O objetivo das buscas nos textos dos relatórios era encontrar o termo “*ecosystem*” (unicamente em língua inglesa) e seus correlatos (como “*news ecosystem*”). Todos os relatórios foram salvos em arquivos no formato PDF e foi utilizada a ferramenta de busca do *Adobe Acrobat Reader* para localizar o termo “*ecosystem*” e seus correlatos nos textos. A pesquisa foi realizada na íntegra dos 38 relatórios.

A partir da localização do(s) termo(s), foi inicialmente feito um reconhecimento da propriedade do seu uso. Constatada sua pertinência, o parágrafo em que ele aparece foi extraído para dar contexto de uso e revelar os sentidos, características e noções aplicadas. Caso o parágrafo fosse insuficiente para a revelação de elementos básicos do uso da expressão, foram também observados parágrafos próximos. A análise dos dados foi feita com recurso ao software Excel.

A coleta dos relatórios ocorreu via download durante os meses de junho a setembro de 2023 nos seguintes endereços:

<https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/>

<https://towcenter.columbia.edu/>

<https://www.pewresearch.org/>

4 A pesquisa em relatórios conjunturais sobre o jornalismo

Com a aplicação da análise de conteúdo indutiva, o movimento seguinte foi a classificação dos termos ampliados de ecossistema conforme agrupamentos de sentidos correlatos (ecossistema midiático, ecossistema jornalístico etc). Verificaram-se então as noções, características e usos dessas expressões tanto nos materiais coletados quanto nas literaturas teóricas, observando a proposta, a densidade conceitual e os agrupamentos e interrelações possíveis.

Por se tratar de um mapeamento descritivo, optou-se por um recolhimento de elementos presentes no ecossistema conforme os relatórios investigados, sem necessariamente questionar desencaixes ou incompatibilidades com as realidades dessas organizações e suas atividades. Vamos primeiro descrever as características desses ecossistemas e, em seguida, apontar traços específicos que denominamos atributos.

4.1 Usos do termo ecossistema jornalístico

Uma primeira leitura dos 38 relatórios dos institutos de pesquisa teve por objetivo localizar e selecionar os usos do termo “*ecosystem*”. Foram aplicadas regras de enumeração por meio da contagem dos registros considerando os critérios de presença, em que os termos indicam a variedade de formulações aplicadas nos relatórios, e frequência, onde “a importância de uma unidade de registro aumenta com a frequência da aparição” (Bardin, 2003, pp.108-109).

A contagem direta levou a um registro total de 104 aparições do termo “*ecosystem*”. Após isso, procurou-se identificar os sentidos atribuídos ao termo nos relatórios. Os resultados estão na tabela 1.

Tabela 1

Usos do termo “ecossistema” nos relatórios (2004-2023)

Sentido do termo	Descrição	Termos utilizados	Unidades de registro
Ecosistema jornalístico	Menção explícita ao papel jornalístico e editorial	<i>ecosystem of print and broadcast journalism</i> <i>ecosystem of public interest journalism</i> <i>ecosystem of news delivery</i> <i>editorial ecosystem</i> <i>journalism ecosystem</i> <i>local news ecosystem</i> <i>multi-platform news ecosystem</i> <i>new ecosystem journalism</i> <i>news and information ecosystem</i> <i>news ecosystem</i> <i>news media ecosystem</i> <i>publishing ecosystem</i>	46
Ecosistema	Uso do termo sem caracterização de tipo específico	<i>Ecosystem</i>	19
Ecosistema informacional	Pode ser interpretado como ecossistema jornalístico ou com circulação ampla de informações	<i>information ecosystem</i> <i>online information ecosystem</i>	11
Ecosistema midiático	O termo mídia foi normalmente aplicado em sentido mais aberto	<i>media ecosystem</i>	10
Ecosistema digital	Ênfase nas características digitais do ecossistema	<i>ad tech ecosystem</i> <i>alternative software ecosystem</i> <i>app ecosystems</i> <i>Blogosphere Ecosystem</i> <i>digital ecosystem</i> <i>digital media ecosystem</i> <i>home digital ecosystems</i> <i>online ecosystem</i>	8
Ecosistema de plataformas	Delimitação do papel proeminente das grandes plataformas digitais	<i>Facebook's ecosystem</i> <i>platform ecosystem</i> <i>platform ecosystem for news</i> <i>social media ecosystem</i>	6
Outros	Destaque a elementos específicos do ambiente digital	<i>ecosystem of social network-based advertising</i> <i>local TV ecosystem</i> <i>NPR ecosystem</i> <i>ad ecosystem</i>	4
Total			104

Fonte: relatórios RISJ, TCDJ e PRC (2004-2023)

É facilmente perceptível, na tabela acima, que o uso mais aplicado ao termo “ecossistema” se referiu ao ecossistema de notícias (44.2%). A expressão apareceu, na quase totalidade das vezes, em diagnósticos relacionados aos ambientes digitais midiáticos, mas com temas focados em questões jornalísticas. A expressão “ecossistema informacional” teve uma utilização mais geral pelos pesquisadores, referindo-se tanto ao ambiente noticioso quanto a uma circulação mais aberta de informações. Vale também constatar que uma parcela significativa dos estudos (10%) acentuou a aplicação do termo “ecossistema” no contexto das experiências digitais, em expressões como “ecossistema digital” ou “ecossistema de plataformas”. O termo mais aberto (“*ecosystem*”), sem nenhum qualificativo, foi usado em 18.2% das vezes.

Raras foram as tentativas de definição destes ecossistemas para além do esforço de nomeação. Nestas operações de nomeação, o sentido de ecossistema jornalístico foi afirmado com o acréscimo, ao termo “ecossistema”, de expressões já convencionais na caracterização do jornalismo tradicional, como “*print and broadcast*”, “*news delivery*”, “*local news*”, “*news media*”, “*publishing*” e “*journalism*”, entre outras.

Com esta operação, confirmaram-se expectativas de que os relatórios traziam compreensões imprecisas e instáveis sobre o ecossistema jornalístico, com escassas formulações conceituais. Em vez disso, foi utilizado de forma recorrente o recurso mencionado acima, de associar ao termo “ecossistema” certos atributos que especificassem o tipo de operação de mídia envolvido e propiciassem, ao leitor, um entendimento sobre o tipo de ambientes, atores, interações e práticas jornalísticas envolvidas.

Partiu-se, então, para uma segunda etapa, em que foram feitos reconhecimentos sobre os atores desses ambientes e buscas por identificar características predominantes desses ecossistemas jornalísticos. Houve então a identificação e classificação dos atores, assim como foram estabelecidas associações de ideias e expressões que compunham os parágrafos em que os termos foram localizados para a sistematização das características dos ecossistemas jornalísticos. Os atores e as características dos ecossistemas estão expostos nos itens a seguir.

4.2 Identificação dos atores do ecossistema

Para o reconhecimento dos atores dos ecossistemas jornalísticos, optou-se por aplicar a análise de conteúdo indutiva (Bardin, 2003) para localizar, nos textos dos 38 relatórios, indicações de atores considerados nos trechos dos textos que tratavam sobre os ecossistemas em situações e cenários conjunturais analisados pelos diagnósticos. A partir da sistematização e tipificação dessas menções, foi possível a construção de uma tabela-resumo (tabela 2) classificando os perfis de atores.

Tabela 2

Atores do ecossistema de jornalismo

Tipos de atores	Unidades de registro	
	Nº	%
Meios de comunicação tradicionais (isolados ou conglomerados)	71	31.9
Meios nativos digitais	63	28.3
Plataformas digitais	35	15.7
Desenvolvedores de tecnologias digitais	19	8.5
Audiência e produtores amadores	8	3.6
Comunidade de jornalistas	3	1.3
Agências de verificação (fact-checking)	3	1.3
Estado, organizações reguladoras e fiscalizadoras	2	0.9
Gestores de receitas publicitárias	2	0.9
Instituições acadêmicas (ensino e pesquisa)	1	0.4
Outros	15	6.7
Total	222	99.5

Fonte: relatórios RISJ, TCDJ e PRC (2004-2023)

A tipificação de atores no ecossistema jornalístico extraída dos 38 relatórios exige, inicialmente, uma ressalva: a eventual presença ou ausência de sujeitos (assim como outros elementos) pode ser afetada pelos vieses das equipes de pesquisadores que conduziram esses estudos, seus problemas e interesses de pesquisas – esse grau de viés não foi possível mensurar. De qualquer forma,

reconhecemos a validade e representatividade desses diagnósticos para os objetivos desta pesquisa devido à precisão e densidade com que os dados dos relatórios foram coletados, sistematizados e analisados, bem como o rico panorama oferecido sobre o estado do jornalismo em diferentes lugares e situações nos últimos 20 anos.

A tabela 2 indica que o ecossistema jornalístico apresenta uma relativa diversidade de atores com caráter complementar de papéis e funções dentro de um ecossistema. Isso pode ser constatado ao observar os cinco primeiros atores mais citados (meios de comunicação tradicionais, meios nativos digitais, plataformas digitais, desenvolvedores de tecnologias digitais e audiência e produtores amadores), cada um ocupando uma posição e um papel dentro do ecossistema, complementar aos demais.

Essa diversidade segue o que Mineiro et al. (2021) denominam como “arena com múltiplos atores” (p. 294), em que a estrutura de um espaço social e suas dinâmicas interacionais auxiliam na construção e estabilização do ambiente. Ao mesmo tempo, o mapeamento de atores não indica que estejam em interação e nem qual a qualidade desta interação, o que vai ser discutido mais adiante. Além disso, denota preocupação o fato de que apenas cinco tipos de atores detenham 88% das menções, o que pode ser um aspecto a colocar em dúvida a extensividade dessa diversidade de perfis de atores. Ou, então, se isso não expressaria um viés metodológico ou interpretativo dos relatórios em observar predominantemente atores estabilizados e tendo dificuldade em perceber a emergência de novos atores com papéis diversos àqueles já institucionalizados.

É interessante notar que os dois primeiros tipos de atores (meios de comunicação tradicionais e meios nativos digitais) aproximam-se de uma polarização de ecossistema mencionada acima em Salaverría (2021) entre meios nativos e não nativos. Somados, esses dois perfis totalizam 60% das menções nos relatórios, e em torno deles parecem se estruturar os ecossistemas jornalísticos (na forma como os 38 relatórios de pesquisa conseguiram apreendê-los). Não há nesses documentos, no entanto, dados mais específicos sobre os tipos de relações (interações, disputas etc) que pudessem dimensionar uma visão especial desses ecossistemas, como por exemplo uma visualização de posições ou hierarquias de poder, conforme sugere Salaverría.

4.3 Características dos ecossistemas jornalísticos

A pesquisa passou então a explorar alguns aspectos mais salientes nesses ecossistemas em ambientes digitais. Foram extraídas, dos 38 relatórios, expressões, ideias, descrições e análises que, sistematizadas em tópicos com maior poder explicativo, pudessem funcionar como elementos descritivos dos ecossistemas jornalísticos. Na sequência apresentamos os elementos que tiveram maior frequência, variedade ou riqueza de informações nessa caracterização. Citações literais foram acrescidas para dar mais precisão à ideia exposta nos relatórios, sendo identificadas pela sigla e o ano de publicação de cada relatório: RISJ (Reuters Institute for the Study of Journalism), TCDJ (Tow Center for Digital Journalism) e PRC (Pew Research Center).

a) Um ecossistema admite uma diversidade de atores e modelos de mídia e de jornalismo

Os diagnósticos trouxeram uma variedade de formas, modelos e atores jornalísticos e não jornalísticos (inclusive entre profissionais e amadores) que transitam e atuam nesses espaços sociais virtualizados. É um lugar que acolhe diferentes modelos econômicos do jornalismo, seja comercial, sem fins lucrativos ou público. “Este novo ecossistema incluirá diferentes “estilos” de jornalismo, uma mistura de abordagens profissionais e amadoras e diferentes modelos econômicos” (PRC, 2010).

Repetidas vezes é acentuada a possibilidade de convivência e de colaborações entre meios de comunicação tradicionais e emergentes, mas sendo reconhecida a perda progressiva de recursos por parte desses veículos noticiosos mais antigos e o aumento de novos empreendimentos jornalísticos (PRC, 2011). Em outro momento, o Pew Center tratou desse cenário como uma “comunidade digital ainda em transição”, em que “Uma nova e vibrante cena de mídia está surgindo. Mas também pode não se consolidar” (PRC, 2011).

Há também situações de combinação entre ambos, em que uma marca tradicional se torna ponto de partida para marcas digitais nativas. “As marcas tradicionais tendem a atuar como âncoras ou pontos de partida; as marcas digitais nativas tendem a atuar como fontes suplementares ou podem ajudar a entreter nos momentos de inatividade” (RISJ, 2016). São atores que exercem diferentes papéis jornalísticos em relação aos tipos de notícias produzidas em plataformas

diversas e aos “estágios da evolução da notícia” (RISJ, 2016).

Neste ambiente de diversidade, as organizações jornalísticas são consideradas capazes de reagir à perda de espaço adotando estratégias para manter parte de sua autonomia e controle sobre a atividade jornalística. Além disso, relatório de 2017 do Tow Center expressou uma expectativa de que os valores tradicionais do jornalismo, como o jornalismo cívico e a liberdade de imprensa, possam ser transformados em modelos financeiros sustentáveis: “uma esperança de que um novo ecossistema digital pudesse ser construído com base nos valores e métodos tradicionais do jornalismo” (TCDJ, 2017).

b) Mediações tecnológicas compõem a infraestrutura dos ecossistemas

Dispositivos, ferramentas, softwares e aplicativos em tecnologias digitais são componentes fundamentais da estrutura e operação destes ambientes. Há recursos referentes à organização e uso de dados e conteúdos, como os motores de busca e agregadores de notícias, bem como de interação, como as redes sociais digitais: “Os agregadores, se não originam conteúdo, continuam a ser um elemento crítico do ecossistema online, ajudando os consumidores de notícias a navegar e a organizar um volume cada vez maior de conteúdo noticioso” (PRC, 2010); “...os motores de busca e as redes sociais tornam-se mais importantes para o ecossistema de notícias” (RISJ, 2018).

A extensão desse impacto de mediação tecnológica se intensifica com a rápida adoção do smartphone como dispositivo multifuncional de trabalho e entretenimento, afetando relações de produção e de consumo de mídia, “...transformando empresas de tecnologia com seus aplicativos e sistemas operacionais nos novos guardiões da informação” (TCDJ, 2017). Os diagnósticos do Tow Center têm percebido que os editores e executivos de jornais “...estão lutando para entender como trabalhar com essas novas forças poderosas na indústria” (TCDJ, 2017). São as plataformas que têm desenvolvido ferramentas “...para que os editores de notícias encontrem públicos e monetizem leitores dentro de seus próprios ecossistemas” (TCDJ, 2018).

Estes mediadores tecnológicos da experiência social reconfiguram as notícias, que se tornam mais interativas, ubíquas, mediadas por plataformas, personalizadas, com mais variedade

de conteúdos e formatos e atualizadas continuamente. Permitem também aos editores desenvolverem produtos para encontrarem e segmentarem audiências e medirem a receptividade dos conteúdos.

c) Há uma forte presença estrutural das plataformas digitais

É recorrente nos relatórios o reconhecimento de que as grandes plataformas digitais detêm o protagonismo dessas mediações tecnológicas no ecossistema jornalístico. Este tema é entendido como controlado por um pequeno número de empresas de plataforma que possuem uma tremenda influência sobre os conteúdos e interações nos ambientes digitais. Recebem, por isso, qualificações como “gigantes do novo ecossistema de informação” (PRC, 2011), com um “domínio muito rígido” sobre o ecossistema informativo, sendo consideradas “os guardiões do ecossistema de informação online” (TCDJ, 2019).

As plataformas são, portanto, consideradas os “*key players*” no ecossistema noticioso: “A distribuição e apresentação de informações, a monetização da publicação e o relacionamento com o público são dominados por um punhado de plataformas” (TCDJ, 2017). Seu poder empresarial oligopolizado entra em colisão com as aspirações de liberdade que nortearam expectativas sobre os primórdios desta infraestrutura digital e, em consequência, a existência e atuação de uma imprensa livre. “A internet que vemos hoje, amplamente controlada por duas ou três empresas, está muito longe da web aberta de Tim Berners-Lee” (TCDJ, 2017) Ao tornarem as organizações jornalísticas dependentes da infraestrutura que elas controlam, as plataformas reduzem o papel do jornalismo de intermediário da sociedade.

Essa proeminência das plataformas se acentua não somente pelo domínio sobre a tecnologia digital, mas também sobre a dimensão publicitária, ao executar pesquisa e análise de dados sobre audiências com fins de monetização. “Hoje, está claro que poucas estratégias de monetização de notícias estarão completas sem plataformas” (TCDJ, 2018). As plataformas interferem também nos processos jornalísticos e assumem parte das funções informativas das organizações noticiosas, tendo um poder ascendente sobre a distribuição e apresentação de informações e o relacionamento com os públicos.

d) Interação, visibilidade e engajamento são lógicas sociais e de monetização

Características interacionais das redes sociais digitais se mostram indutoras de práticas nos ecossistemas digitais, como o compartilhamento, a influência, o envolvimento e o engajamento nos conteúdos em circulação. Há indicações de ambientes com “compromisso e senso de comunidade” (PRC, 2011), em uma dinâmica que favorece uma interação em escala.

Criam-se possibilidades tecnológicas para encontros de ideias, paixões, informações, demonstrações de apoio e estímulo como se fossem um “espaço público”. É percebido que os tipos de conteúdos atrativos dos ambientes interacionais das redes estimulam a circulação: “A audiência gosta da mistura de fatos e opiniões, autenticidade e interação; isto possibilita e parece destinado a permanecer como uma parte essencial do ecossistema de notícias no futuro previsível”. (RISJ, 2014).

Essas dinâmicas interacionais têm um forte componente econômico ao se integrarem, por meio de uma tecnologia financeira, a mecanismos de publicidade e monetização. É um modelo de negócios que perturba o modelo das organizações midiáticas de distribuição e receita por meio da venda de conteúdos e da publicidade. Aqui há a constatação de que, ao modo das lógicas das redes sociais digitais, esse ecossistema jornalístico “...favorece a escala e a partilhabilidade” (TCDJ, 2019).

O relatório do Pew Research Center ressalta este novo valor do ambiente digital, a “*shareability*” (capacidade de compartilhamento), ao potencializar os processos interacionais na internet: “Conteúdo compartilhado é igual à influência. E influência no ecossistema de notícias é igual a engajamento. E engajamento é igual a valor” (PRC, 2012).

A dimensão interacional dos ecossistemas jornalísticos pôde ser investigada também por meio da extração de expressões que qualificassem os tipos de interação no ecossistema, gerando uma classificação provisória:

d.1) Parcerias por interesses mercadológicos no ecossistema. Várias expressões foram localizadas para indicar uma ascendência de relações de interesse econômico entre os atores, tanto na forma de parcerias e alianças estratégicas quanto nas modalidades de pagamento por visualização de notícias.

d.2) Observaram-se também expressões que denotavam

relações entre atores visando à disputa por capital e posição de poder, bem como processos de exercício de poder, dominação e polarização no ecossistema. Há destaque para situações de polarização e formação de bolhas sociais (“*echo chamber*” e “*filter bubble*”).

d.3) Defesa de fundamentos e valores de funcionamento do ecossistema. Também foram encontradas menções a comportamento de atores que visavam à construção de valores cívicos, confiança, literacia e modelos não lucrativos de ação no ecossistema.

d.4) Trocas diversas dentro do ecossistema. Em alguns momentos, procedimentos simples, pontuais e transitórios de interação no ambiente (como troca de e-mails) são citados.

e) Os ecossistemas estão em mudança e em crescimento

Vários relatórios apontaram que o ecossistema digital é um fenômeno em transição. Essa transição é apresentada em diferentes maneiras, como na ideia de que, anteriormente, o sistema tradicional de mídia era fechado e agora o ambiente digital oferece abertura: “o ecossistema está mudando, e algumas coisas estão crescendo. Mas, se um novo modelo for encontrado, dificilmente está claro o que será” (PRC, 2010). E este “ecossistema cada vez complexo” (PRC, 2012) demanda dos atores jornalísticos uma aptidão para interagir com organizações complexas como as plataformas. Apresenta potencial de oferecer maior riqueza para as experiências dos usuários, mas também maior vulnerabilidade. “O ecossistema de notícias e informações mais difuso é mais complexo e mais difícil de imaginar” (PRC, 2011).

f) Problemas e vulnerabilidades dos ecossistemas são preocupantes

Os diagnósticos trouxeram também uma abordagem crítica a esses ambientes. Há leituras de que tais processos podem apresentar “efeitos colaterais destrutivos” ou “confusão” – “a validade tem pouco peso num ecossistema determinado pela confusão” (TCDJ 2017) –, bem como acentuar a fragmentação dos meios de comunicação e da atenção pública. Constatou-se que esse ecossistema noticioso “ainda é vulnerável” (PRC, 2011). Os relatórios da Reuters exploram a condição de fragmentação no ecossistema jornalístico da Grécia (2023). As vulnerabilidades foram consideradas ameaçadoras à saúde comunicacional desses ambientes.

Ao refletirem sobre o aspecto jornalístico desses ecossistemas,

surgiu também a preocupação de que, em suas dinâmicas, o consumo de notícias seja “mais casual e incidental” (RISJ, 2023). E a gestão dos fluxos noticiosos por meio de algoritmos foi considerada como “insustentável”.

5 Ecossistemas jornalísticos como ambientes socio-tecnológicos

Este último item do artigo teve por intenção explorar os elementos descritivos dos ecossistemas jornalísticos apresentados e sistematizados acima, utilizando-os para refletir sobre esses ambientes como constructos teóricos, tanto na perspectiva disciplinar da sociologia (redes de relações sociais, estruturas de campos sociais, aspectos organizacionais e institucionais, a dimensão social das tecnologias e as vocações cooperativas/colaborativas dos atores sociais) quanto um olhar interdisciplinar (um fenômeno transversal configurado a partir de um olhar dos ecossistemas biológicos, mas acentuado pela sua natureza social e tecnológica).

Desta premissa delimitamos uma primeira caracterização do ecossistema jornalístico como um ecossistema socio-tecnológico, uma construção humana resultante de estruturas constituídas para viabilizá-lo e colocá-lo em operação. Nesta operação reconhecemos ainda válida a teoria dos campos sociais de Bourdieu como dotada de uma leitura estrutural e relacional dos atores, campos, posições, capitais, disputas simbólicas e de poder no jornalismo. Trazemos também a leitura de Chadwick (2013) sobre o caráter híbrido dos sistemas midiáticos contemporâneos e sua repercussão para pensar a institucionalidade do jornalismo (Reese, 2022).

Um traço que se salientou das características descritas anteriormente é que o ecossistema jornalístico apresenta uma dimensão estrutural das relações sociais que nele se estabelecem. Tal aspecto pode ser compreendido em abordagens que estudam as “redes de relações sociais” estruturadas, densas, estáveis e com penetrabilidade na vida social (Granovetter, 2014, pp. 44-56). Houve a presença de aspectos de estabilidade e, ao mesmo tempo, alertas de riscos de instabilidade: a falta de densidade, estruturação ou estabilidade dessas redes de relações pode gerar impacto significativo para a fragilidade de ecossistemas socio-tecnológicos, o que pode ser uma ameaça ao ecossistema jornalístico.

Uma segunda característica dos ecossistemas jornalísticos sistematizada neste trabalho foi a diversidade de atores e modelos

de mídia, o que indicou tanto uma potencialidade de participação quanto um risco para a sua estabilidade. Essa variedade de atores revelou também posições desiguais em uma ideia de campo de mídia ou jornalístico, e essa amplitude pode sinalizar para o risco de enfraquecimento de laços sociais entre os envolvidos ou disputas por visibilidade e autoridade sem regras definidas pelo campo. Um desafio parece ser o de articular diversidade e complementaridade com laços sociais que garantam um mínimo de estabilidade ao ecossistema jornalístico. O ecossistema jornalístico tem também dinâmicas conflitivas e vulnerabilidades que trazem riscos à sua integridade.

Um terceiro aspecto a ser considerado é que um ecossistema socio-tecnológico deve ser também percebido como expressão de uma intencionalidade humana, socialmente configurada. Ou seja, ecossistemas foram criados como consequência de interesses sociais de grupos que contribuem para sua existência. Smelser e Swedberg (2005, p. 18) baseiam-se nos estudos de Bourdieu sobre a noção de interesse para explicar que, para o autor, interesse indica um compromisso com as regras de funcionamento de um campo social, o compromisso em “dar importância a um jogo social”.

É nesse esforço de reconhecimento dos contornos de um ecossistema jornalístico que são agregadas ideias adicionais de conhecimento, tecnologia, inovação, mercado, modelo de negócios etc. Nesse aspecto, as extrações feitas nos relatórios sobre a atuação de componentes voltados para a participação no ecossistema (como o compromisso com um senso de comunidade, a vocação para os encontros sociais, a possibilidade de criar espaços públicos de conversação e debate) dão pistas sobre intencionalidades baseadas no desejo de interagir quanto de engajar, um “mix” que opera lógicas sociais ou econômicas.

Isso aponta para um quarto elemento a ser destacado no ecossistema jornalístico: a sua organicidade depende de interesses econômicos incorporados aos processos produtivos e as operações em mercados. Assim, é necessário relacionar as configurações contemporâneas dos ecossistemas jornalísticos a um cenário de crise do capitalismo global articulada a um desenvolvimento desigual e combinado (Corsi, 2013).

Isso repercute no também necessário entendimento de que o ecossistema jornalístico é um espaço social de exercício do jornalismo como profissão que, além dos conflitos internos ao ecossistema, convive com mudanças substantivas nas relações

trabalhistas. O ecossistema jornalístico é então configurado também pelas tensões do trabalho jornalístico, que se direciona a vínculos menos legal-formais nas organizações, a precariedade de relações de trabalho em ambientes digitais multimodais e ao crescimento do trabalho não profissionalizado do jornalismo.

Os ecossistemas socio-tecnológicos são constituídos sobre redes de relações sociais que garantem, do ponto de vista econômico, a sobrevivência de empresas (Granovetter, 2014). Assim, os ecossistemas jornalísticos demandam um olhar para o imbricamento entre condicionantes sociais, econômicos e tecnológicos.

Um quinto aspecto na configuração do ecossistema jornalístico é sua dimensão institucional. Seguindo Ramella (2020), instituições são tomadas aqui com sentido amplo, expressando hábitos, rotinas, regras, normas e leis que organizam e regulam as ações e relações sociais e têm o papel de organizarem o processo cognitivo. É percebida uma “forte interdependência entre estrutura econômica e contexto institucional” (Ramella, 2020, p. 236). Como construções históricas, as instituições são o resultado de padrões de interação e de processos de negociação, configurando-se na forma de procedimentos, protocolos, normas e convenções, formais e informais, sistemas de símbolos, visões de mundo, modelos morais e esquemas cognitivos que fornecem padrões de significados às ações de um determinado grupo. A instituição jornalística pode ser vista também sob a perspectiva de um corpo coletivo que dá identidade e forma social à atividade, apresentando uma racionalização das ações, normas e valores.

Reese (2022) faz uma interessante revisitação do conceito de instituição jornalística no ambiente digital contemporâneo, dialogando com a noção de “*hybrid media system*” (sistema midiático híbrido) a partir de Chadwick (2013). Reconhece a coesão da tese de Chadwick de observarmos os sistemas de mídia considerando limites mais dinâmicos e fluidos entre lógicas antigas e novas, que estão continuamente em processos de integração e fragmentação, expressando sobreposições, entrelaçamentos e coevoluções (Reese, 2022, p. 256). Essa dimensão híbrida, no entanto, não é suficiente para deslegitimar o caráter institucional do jornalismo, como modo de estabilidade ao longo do tempo e resistência a ameaças à sua sobrevivência.

6 Considerações finais

A pesquisa presente neste artigo buscou descrever e analisar as possibilidades de delimitação de um ecossistema jornalístico. A base empírica do trabalho (a pesquisa sobre as noções e usos do termo “ecossistema” em 38 relatórios de três institutos internacionais de pesquisa do jornalismo nos últimos 20 anos) ofereceu elementos para três propósitos. O primeiro foi sistematizar características que esses ecossistemas vêm apresentando, considerando a forte presença de condicionantes da ordem tecnológica (a digitalização) e econômica (transições nos padrões de produção e trabalho). Este olhar possibilitou um esboço mais próximo à conjuntura contemporânea dos sistemas de mídia.

Dos 38 relatórios foi possível também extrair uma leitura mais interpretativa dos dados, em um segundo esforço visando a formular um conjunto de características do ecossistema jornalístico em processo de digitalização intensiva. Foram propostas seis características: a diversidade de atores e modelos de mídia e de jornalismo, a força das mediações tecnológicas, a presença estrutural das plataformas digitais, a lógica do engajamento, a condição de crescimento e transição e a vulnerabilidade dos ecossistemas. Essas características não são estáveis e não constituem uma estrutura fixa, pois são afetadas por conjunturas e pela atuação de processos como a hibridização, a fragmentação social, a aceleração dos processos sociais, a dataficação e mais recentemente a inteligência artificial e sua penetrabilidade em todas as dimensões sociais.

Um terceiro movimento do trabalho foi propor a delimitação dos ecossistemas jornalísticos como ecossistemas socio-tecnológicos: uma construção humana resultante de estruturas tecnológicas e interações sociais, trazendo uma intencionalidade configurada socialmente que delimita as tecnologias, interesses e relações de disputa e poder. Neste aspecto, um ecossistema apresenta também uma lógica de “campo de forças e de lutas” à semelhança da noção de campo jornalístico, mas conceitualmente o ultrapassa ao incorporar a diversidade de novos elementos, situações e dinâmicas descritas na pesquisa. Um ecossistema jornalístico depende de condições estruturais, sistêmicas e cognitivas para existir, mas é a intencionalidade da atividade jornalística que justifica sua criação.

NOTA

- 1 Todas as citações extraídas dos relatórios foram traduzidas da língua inglesa para a língua portuguesa pelo autor deste artigo.

REFERÊNCIAS

Anderson, C. W., Bell, E., & Shirky, C. (2012). *Post-Industrial Journalism: adapting to the Present*. Tow Center for Digital Journalism.

Anderson, C. W. (2016). News ecosystems. In T. Witschge, C. W. Anderson, D. Domingo & A. Hermida (Orgs.), *The SAGE handbook of digital journalism* (pp. 410-423). Sage.

Bardin, L. (2003). *Análise de conteúdo*. Edições 70.

Bourdieu, P. (1997). *Sobre a Televisão*. Jorge Zahar.

Bourdieu, P. (2005). The political field, the science field, and the journalistic field. In R. Benson & E. Neveu (Orgs.), *Bourdieu and the Journalistic Field* (pp. 29-47). Polity Press.

Boyd, D. (2010). Social Network Sites as Networked Publics: Affordances, Dynamics, and Implications. In Z. Papacharissi (Org.), *A networked self: identity, community and culture on social network sites* (pp. 39-58). Routledge.

Briggs, M. (2012). *Entrepreneurial journalism. How to build what's next for news*. Sage.

Cabral, L. R. de A. (2022). *Jornalismo automatizado: Inteligência artificial e robôs nas redações das organizações jornalísticas* [dissertação de mestrado, Universidade Federal da Paraíba]. Repositório Institucional da UFPB.

Canavilhas, J. (2011). El nuevo ecosistema mediático. *index. comunicación*, 1(1), 13–24. Recuperado de <https://journals.sfu.ca/indexcomunicacion/index.php/indexcomunicacion/article/view/4>

Castells, M. (2001). *A Sociedade em Rede - A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura* (vol. 1). Paz e Terra.

Chadwick, A. (2013). *The hybrid media system: politics and power*. Oxford University Press.

CNI - Confederação Nacional da Indústria. (2016). *Desafios para a indústria 4.0 no Brasil*. Brasília: CNI.

Corsi, F. L. (2013). A crise do capitalismo global em perspectiva histórica. In A. Santos, F. L. Corsi, J. M. Camargo & R. L. Vieira (Orgs.), *Crise do capitalismo global no mundo e no Brasil* (pp. 51-70). Canal6.

Couldry, N. (2020). *Colonialismo de dados e esvaziamento da vida social*. XIX Simpósio Internacional Instituto Humanitas Unisinos – Homo Digitalis: A escalada da digitalização da vida em tempos de pandemia, Porto Alegre, RS, Brasil. Recuperado de www.ihu.unisinos.br/images/ihu/2020/eventos/simposio_homo_digitalis/conferencias_pdf/Nick_Couldry.pdf

Couldry, N., & Hepp, A. (2020). *A construção mediada da realidade*. Ed. UNISINOS.

Deuze, M., & Witschge, T. (2016). O que o jornalismo está se tornando. *Parágrafo*, 4(2), 7-21. Recuperado de <https://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/478>

Deuze, M., & Witschge, T. (2018). Beyond journalism: Theorizing the transformation of journalism. *Journalism*, 19(2), 165–181. DOI: 10.1177/1464884916688550

Fontoura, M. C. da. (2020). *O que o jornalismo pode ser: a expansão das fronteiras do jornalismo pós-industrial* [tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações – PUCRS.

Gracia, J. P. (2021). El campo mediático-digital y la diferenciación social. *Política y Sociedad*, 58(1), 1-11. DOI: 10.5209/poso.60788

Graglia, M. A. V., & Lazzareschi, N. (2018). A indústria 4.0 e o futuro do trabalho. *Revista Brasileira de Sociologia*, 6(14), 109–151. DOI: 10.20336/rbs.414

Granovetter, M. (2014). Ação econômica e estrutura social: o problema da imersão. In A. C. B. Martes (Org.), *Redes e sociologia econômica* (pp. 31-68). EdUFSCar. DOI: 10.1093/acrefore/9780190228613.013.847

Jenkins, H. (2001). *Cultura da Convergência*. Aleph.

Kalsing, J. (2021). *Jornalistas metrificados e a plataformação do jornalismo* [tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. Repositório Digital – UFRGS.

Kovach, B., & Rosenstiel, T. (2004). *Os Elementos do Jornalismo – O que os jornalistas devem saber e o público exigir*. Geração Editorial.

Meyer, P. (2004). *The Vanishing Newspaper: Saving Journalism in the Information Age*. University of Missouri Press.

Mineiro, A., Souza, T. A., & Castro, C. (2021). The quadruple and

quintuple helix in innovation environments. *Innovation & Management Review*, 18(3), 292-307. DOI: 10.1108/INMR-08-2019-0098

Perusko, Z. (2021). Public sphere in hybrid media systems in Central and Eastern Europe. *Javnost - The Public*, 28(1), 36-52. DOI: 10.1080/13183222.2021.1861405

Quintanilha, T. L. (2021). Journalists' professional self-representations: A Portuguese perspective based on the contribution made by the sociology of professions. *Journalism*, 22(7), 1587-1603. DOI: 10.1177/1464884919828246

Ramella, F. (2020). *Sociologia da Inovação Econômica*. Ed. UFRGS.

Reese, S. D. (2022). The institution of journalism: Conceptualizing the press in a hybrid media system. *Digital Journalism*, 10(2), 253-266. DOI: 10.1080/21670811.2021.1977669

Rottwilm, P. (2014). *The future of journalistic work: Its changing nature and implications* (Report). Reuters Institute for the Study of Journalism.

Saad, E. (2021). Reflexões sobre ontologias jornalísticas no contexto de desinformação e crises sistêmicas. *Fronteiras – estudos midiáticos*, 23(2), 58-72. DOI: 10.4013/fem.2021.232.05

Salaverría, R. (2021). Veinticinco años de evolución del ecosistema periodístico digital en España. In R. Salaverría & M. P. Martínez-Costa (Orgs.), *Medios nativos digitales en España: caracterización y tendencias* (pp. 21-35). Comunicación Social Ediciones y Publicaciones.

Smelser, N., & Swedberg, R. (2005). Introducing economic sociology. In N. Smelser & R. Swedberg (Orgs.), *The handbook of economic sociology* (pp. 3-25). Princeton University Press.

Van Dijck, J., Poell, T., & de Waal, M. (2018). *The platform society*. Oxford University Press.

Wiard, V. (2019). News ecology and news ecosystems. *Oxford Research Encyclopedia of Communication*, 0(0), 1 – 19. DOI: 10.1093/acrefore/9780190228613.013.847

CARLOS EDUARDO FRANCISCATO. Mestre e doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia. Graduação em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Maria e especialização em Ciência Política pela PUC/RS. Professor titular da Universidade Federal de Sergipe. Exerceu a presidência da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. E-mail: franciscato@academico.ufs.br.